

***Germinal*: o espaço para um discurso de reivindicação das condições de trabalho**

Germinal: the space for a discourse of advocacy for working conditions

HÉLIO MOÏSE RODRIGUES VIANA

Mestrando em Estudos de Linguagens (CEFET-MG)

E-mail: vianamoise@outlook.com

Resumo: *Germinal*, o célebre romance de Émile Zola, apontou a importância do papel dos mineradores de carvão na industrialização da França. A obra faz parte do patrimônio cultural francês, uma vez que apresentou à população as condições precárias de trabalho às quais eram subordinados os operários franceses e possibilitou um discurso de denúncia. Graças a Zola, a mina e os mineradores entraram para sempre na história mundial do trabalho. Para que seja possível compreender a relevância de *Germinal* nas relações profissionais estabelecidas no mundo capitalista moderno, o presente artigo pretende definir a importância do espaço da mina na consolidação de um discurso reivindicatório das condições de trabalho.

Palavras-chave: espaço literário; literatura francesa; capitalismo; revolução.

Abstract: *Germinal*, the renowned novel by Émile Zola, highlighted the crucial role of coal miners in the industrialization of France. The work is part of French cultural heritage, as it exposed the precarious working conditions to which French workers were subjected, enabling a discourse of denunciation. Thanks to Zola, the mine and its miners have forever entered the world history of labor. In order to comprehend the significance of *Germinal* in the professional relationships established in the modern capitalist world, this article aims to define the importance of the mine space in the consolidation of a discourse advocating for working conditions.

Keywords: literary space; french literature; capitalism; revolution.

Segundo Bechara (2011, p. 998), reivindicar é o ato de requerer, reclamar ou até mesmo exigir. Deve-se levar em consideração, para a compreensão da abordagem teórica desenvolvida neste artigo, a reivindicação como os atos que exigem mudanças, que exigem melhores condições de trabalho, que exigem a compreensão da importância de milhares de mineradores franceses para o desenvolvimento capitalista do século XIX. *Germinal*, ao introduzir de forma minuciosa a descrição das minas no norte da França e, sobretudo, quando relata as condições de trabalho vivenciadas pelos mineradores, possibilita sedimentar um discurso reivindicatório que assolou o maquinário capitalista francês no início do século XX.

A primeira edição de *Germinal* foi publicada em 1885 na cidade de Paris em um contexto social de conflito entre as classes operária e capitalista. A obra faz parte de uma série de vinte romances intitulada *Rougon-Macquart*, e permitiu a Zola se destacar como forte opositor às desigualdades sociais e líder intelectual fervoroso nas lutas de operários. Para compreendermos o sucesso dos textos do autor francês no embate dos

trabalhadores diante do capitalismo, é preciso definirmos qual movimento literário integra a obra *Germinal*.

O romantismo, que predominou na literatura durante toda a primeira metade do século XIX, caracterizava-se pelo domínio das emoções derramadas, repleto de coincidências incríveis. O realismo veio se contrapor a ele, ao tentar trazer para o romance uma simulação fiel da realidade. Na literatura, o Realismo foi o movimento que regeu a segunda metade do século XIX; o Naturalismo é a radicalização do Realismo. Pode-se dizer que as descobertas das ciências naturais combinadas com o estilo realista do escritor Flaubert e com o positivismo (doutrina que prega a lógica) do pensador Taine deram origem ao Naturalismo. Essa nova escola literária baseava-se na observação fiel da realidade e na experiência, mostrando que o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. Os romances naturalistas se destacam pela abordagem extremamente aberta do sexo e pelo uso da linguagem falada. O resultado é um diálogo vivo e extraordinariamente verdadeiro, que na época foi considerado até chocante, de tão inovador. Dessa forma, encontramos a principal característica do texto de Émile Zola, que é chocar o leitor para que seja possível conscientizá-lo e possibilitar a tomada de posicionamento em um contexto político e social dividido.

A conscientização do leitor, das mazelas sociais sofridas pelas classes trabalhadoras, é construída no texto de Zola na descrição minuciosa do espaço no qual a narrativa acontece e dos efeitos nocivos que esse espaço causa nas personagens. O trecho a seguir exemplifica claramente a descrição anterior:

Quem mais sofria era Maheu. No alto, a temperatura atingia trinta e cinco graus, o ar não circulava. Para poder ver, ele prendia o lampião num prego perto da cabeça, o que aumentava terrivelmente o calor. Mas era a umidade que aumentava o seu suplício. A rocha porejava água, gotas grossas batiam em seu rosto continuamente. Em quinze minutos, ele estava encharcado de água e suor (ZOLA, 2000, p. 26).

O espaço ocupa no texto *Germinal* o protagonismo, uma vez que delimita as relações entre as personagens e condiciona acontecimentos imprescindíveis da narrativa. Para tanto, faz-se necessário definirmos o conceito espaço na literatura para melhor compreendermos sua estrutura e seus objetivos.

Segundo Oliveira e Santos (2001, p. 67), quando é concebido um determinado ente, criam-se referências com as quais ele se relaciona. Ou seja, precisamos situá-lo, atribuímos ao ser um espaço. Dessa forma, definimos espaço como o conjunto de indicações – concretas ou abstratas – que constitui um sistema de relações. Além disso, Foucault (1984, p. 252) aponta o espaço como fundamental em qualquer forma de vida comunitária; o espaço é fundamental em qualquer exercício de poder.

O exercício de poder, justamente, pode ser observado no texto de Zola, uma vez que sedimenta o espaço necessário para a luta de classes que opunha operários e capitalistas, como mostra o seguinte trecho:

Enquanto os mineiros passavam fome, a Companhia ganhava milhões. Por que ela deveria vencer, naquela guerra do trabalho com o capital? De qualquer modo, a vitória custaria muito. Étienne foi tomado por um desejo de luta, uma necessidade de acabar com a miséria, mesmo que para isso tivesse que morrer. Era melhor todos os moradores da aldeia morrerem juntos do que irem se acabando aos poucos, de fome e injustiça (ZOLA, 2000, p. 92).

A literatura de Zola ainda apresenta duas formas distintas, como explica o seguinte trecho de Oliveira e Santos (2001, p. 72-73):

A literatura pode agir de duas formas básicas. Pode pretender atuar como um espelho plano, alimentando a ilusão de que é capaz de mostrar a realidade como ela é. Esse é o caso do Realismo, movimento literário difundido na segunda metade do século XIX, mas cujos princípios “realistas” podem ser encontrados em épocas diversas. A segunda possibilidade, oposta à primeira, é a literatura assumir-se como espelho deformante, com a intenção de deslocar a imagem que a sociedade tem de si mesma. O objetivo desse tipo de literatura é o de abrir novos ângulos de visão, de revelar novas dimensões do real. Uma literatura que se deseja profundamente crítica, portanto.

Germinal assume a forma de espelho da sociedade francesa quando descreve metodicamente o cotidiano dos mineradores do século XIX. Por exemplo:

Os britadores golpeavam mais forte, com vontade de encher muitos vagonetes. Com o correr do dia, o ar ficava cada vez mais poluído com a fumaça dos lampiões, a pestilência dos hálitos, a asfixia que o gás grisú provocava. Mas os mineiros, no fundo de suas tocas de toupeira, sob o peso da terra, sem ar nos pulmões, continuavam a cavar (ZOLA, 2000, p. 29).

O trecho evidencia a necessidade do autor de expor as condições nefastas de trabalho dos mineradores de carvão. Dessa forma, constrói-se uma narrativa espelho da realidade com a caracterização de um espaço sufocante, agressivo e assustador.

O espelho deformante que desloca a imagem de sociedade que permeia a realidade das personagens, talvez como a tentativa de fuga do sofrimento e das desigualdades sociais, também está presente no romance do autor francês. O trecho a seguir evidencia essa deformação, ao projetar a imagem de um exército de operários prontos para fazer a revolução do proletariado, o que de fato nunca se concretizou:

Debaixo de seus pés, prosseguiam os golpes profundos das picaretas. Os mineiros estavam todos lá, embaixo da terra, e ele os ouvia como se o estivessem seguindo. O sol de abril brilhava em toda a sua glória, aquecendo a terra, em que germinavam sementes. A vida desabrochava com toda a força, os brotos apareciam em folhas verdes, a relva nascia. Em toda parte as sementes cresciam e brotavam para fora da terra, em busca de luz e calor. E ainda, cada vez mais distintamente, como se estivessem se aproximando do sol, os operários cavavam. Aos raios inflamados do sol, naquela manhã de juventude, o campo estava tomado por aquele rumor. Os homens brotavam, era um exército coberto de carvão, vingador, que germinava lentamente da terra, para crescer nas colheitas do século seguinte. A germinação daquele exército logo faria explodir a terra (ZOLA, 2000, p. 237-238).

Dessa forma, percebemos a tentativa de Zola de assumir no seu texto duas formas distintas no objetivo de oferecer um contexto para o embate sindicalista. Ou seja, ao retratar de forma minuciosa a realidade, o autor francês expõe e possibilita a tomada de consciência, a revolta, o desejo de mudança. Do outro lado do fluxo ideológico, ao deslocar a imagem da sociedade, o escritor nos permite vislumbrar o que seria possível vivenciar se a luta se tornar vitória.

O espaço ainda ocupa no texto de *Germinal* outra perspectiva também muito importante, que pressupõe o ambiente como algo dado, observável ou como algo da condicionalidade, ou seja, o estabelecimento de condições para o desenvolvimento da narrativa. Como explica Santos (2013, p. 65):

[...] o espaço ser tomado tanto como algo dado, da ordem do observável – o que o qualifica como categoria da própria realidade, do próprio mundo empírico –, quanto algo que é da ordem do possível, daquilo que viabiliza a ocorrência de outras categorias: como condição de possibilidade.

Zola descreve minuciosamente os cenários urbanos e o interior das minas para categorizar a realidade da narrativa. Percebe-se, também, o uso desses mesmos cenários para condicionar a tomada de decisões das personagens e definir os rumos da história, como se o espaço ocupasse o lugar de narrador ao expor a narrativa e determinar o desfecho.

O protagonismo do espaço no romance *Germinal* fica evidente até mesmo no título da obra. Segundo Bechara (2011, p. 675), germinal se refere a germe ou a algo que está em seu estágio inicial como também aponta para o sétimo mês do ano no calendário da primeira república francesa, de 21 de março a 16 de abril. Interessante apontar que o próprio título faz menção à temporalidade e, portanto, ao próprio espaço, uma vez que o sétimo mês da primeira república francesa corresponde ao início da primavera, ou seja, o desabrochar dos vegetais, taciturnos no inverno, vibrantes e poderosos na primavera.

A metáfora do ser que desabrocha, que cansou do silêncio do inverno, é evidente nos seguintes trechos:

[...] o mineiro vivia como um animal, enterrado na mina, sem se dar conta do que acontecia. Por isso os ricos podiam chupar o sangue dos operários. Mas estes já estavam acordando. No fundo da terra germinava uma semente, e um belo dia os homens brotariam da terra, um exército de homens que viria restabelecer a justiça (ZOLA, 2000, p. 59).

Nevara durante dois dias. Naquela manhã tinha parado de nevar; uma geada intensa envolvia tudo, e a região negra, com árvores e casas cobertas pelo pó do carvão, estava completamente branca, de uma brancura única. A aldeia dos Duzentos e Quarenta quase desaparecia sob a neve. De nenhuma chaminé saía fumaça. Sem fogo, as casas eram frias como pedras (ZOLA, 2000, p. 152).

O espaço em *Germinal*, portanto, não deve ser entendido como componente físico, mas como a abertura que possibilita abarcar configurações sociais distintas, ou seja, a definição de classes sociais que entrarão em conflito para que seja definido o desfecho ideológico das nações ocidentais. Ainda conforme Santos (2001, p. 79):

O componente físico – paisagens, interiores, decorações, objetos – condiciona o desenrolar da ação, o trânsito das personagens. Por outro lado, quando a perspectiva se abre, torna-se possível pensar o espaço enquanto lugar que abarca tanto configurações sociais – o chamado espaço social – quanto configurações psíquicas – o espaço psicológico.

O espaço social desempenha função primordial na construção da narrativa de *Germinal*, uma vez que delimita as classes sociais e tematiza os conflitos ideológicos. Pode-se definir o espaço social como “[...] a observação, descrição e análise de ambientes que ilustram, quase sempre com intenção crítica, aquilo que, utilizando-se um vocabulário naturalista, pode-se chamar de ‘os vícios e as deformações da sociedade’” (OLIVEIRA; SANTOS, 2001, p. 79-80).

Essa descrição e análise com o uso de um vocabulário que tenta transmitir o sofrimento decorrente das injustiças sociais e possibilita construir críticas, é evidente nos seguintes trechos:

Aquela parte do veio *Filonnière* era tão estreita que os britadores, prensados entre a parede e o teto, esfolavam os cotovelos para retirar o carvão. Além do mais, era extremamente úmida. Um jato de água já tinha esguichado no rosto de Étienne enquanto ele trabalhava.

Mas a principal ameaça eram os desabamentos, pois o problema não estava só na pequena quantidade de escoramentos, e sim no terreno, que se encontrava minado de água (ZOLA, 2000, p. 68).

Tinham feito o juramento de resistir juntos, e resistiram, como quando estavam na mina e lutaram para salvar um homem soterrado. Eles iriam aguentar. A mina era uma boa escola, conviviam com a água, o fogo e os desmoronamentos desde os doze anos. Poderiam passar oito dias sem comer (ZOLA, 2000, p. 104).

Outra quinzena se passou. Estavam nos primeiros dias de janeiro, em pleno inverno. A miséria era cada vez maior, as aldeias mineiras agonizavam a cada hora que passava. Os quatro mil francos enviados de Londres pela Internacional não tinham dado para três dias de pão. Depois disso, não receberam mais nada. A esperança que morria deixava os ânimos abatidos. Com quem poderiam contar agora, se os seus próprios irmãos os abandonavam? Sentiam-se perdidos, isolados do mundo (ZOLA, 2000, p. 101).

É interessante perceber como Émile Zola tenta durante toda a narrativa alocar as bases necessárias para o fomento de um contexto de reivindicação, que exija as mudanças sociais necessárias para que seja possível atingir condições adequadas de trabalho e de vida. A guerra de classes nunca encontrou anteriormente tanta disposição na literatura.

O embate de classes tem seu estopim nas condições estruturais das minas e nos baixos salários. Como aponta Oliveira e Santos (2001, p. 82), “o espaço constrói-se a partir do cruzamento de variados planos espaço-temporais experimentados pelo sujeito, apresentando uma dimensão múltipla e um caráter aberto”. A experiência ocupa um lugar de destaque na narrativa de *Germinál*, uma vez que possibilita a tomada de consciência de uma condição socioeconômica e a organização adequada para reivindicar novas condições. Os seguintes trechos exemplificam a conscientização de um plano espaço-temporal de implicações múltiplas, uma vez que não conhece fronteiras nem culturas, apenas a libertação do proletariado.

Étienne estava inflamado. Uma predisposição à revolta o impelia à luta entre o trabalho e o capital, numa primeira ilusão, que era fruto da sua ignorância. Agora, tratava-se da Associação Internacional dos Trabalhadores, a famosa Internacional, que acabava de ser criada em Londres, em 1864. A carta de princípios tinha sido redigida por Karl Marx. As primeiras seções francesas foram formadas em 1865 (ZOLA, 2000, p. 50).

Os operários não podiam mais suportar, a Revolução Francesa só tinha agravado a situação para eles, somente os burgueses vinham lucrando desde 1789. Era preciso dar um fim àquilo, por bem ou por mal. A nova geração certamente o faria, se a atual não o fizesse; o século não podia terminar sem outra revolução, agora a dos trabalhadores, uma revolta que mudaria radicalmente a sociedade e a reconstruiria com mais justiça (ZOLA, 2000, p. 52).

Por fim, vale a pena ressaltar o conceito de *flâneur* introduzido nos estudos literários pelo pesquisador alemão Walter Benjamin para que se possa compreender como o espaço é retratado pelas personagens em *Germinal*. Conforme define Benjamin (2017, p. 142), o *flâneur* seria um “tipo especial de sujeito”, um “andarilho que vaga pelas ruas, lançando sobre a cultura urbana um olhar simultaneamente atento e distraído, crítico e cúmplice”.

Dessa forma, o *flâneur*, em *Germinal*, é um observador e um objeto do espaço, alguém que recorta a geografia e a paisagem das minas e dos espaços urbanos da periferia. Os recortes desses espaços exercem sobre as personagens um efeito aprisionador. A mina e a periferia são uma gaiola, uma cova, uma prisão obscura e esquecida. Ou seja, as personagens vagam interminavelmente por geografias aprisionadoras e ao mesmo tempo em que tomam conhecimento da sua espacialidade são engolidas por elas. Os seguintes fragmentos demonstram as potencialidades do espaço em *Germinal*:

Catherine precisou lhe ensinar a abrir bem as pernas e a apoiar os pés nas vigas dos dois lados da galeria para ter pontos de apoio sólidos. O corpo devia ficar inclinado, os braços firmes, para empurrar com toda a força. Ela suave, arquejava, estalava as juntas, sempre sem se queixar, com a indiferença do hábito, como se a miséria fosse comum a todos. Mas ele não conseguia trabalhar como ela, seus sapatos o machucavam, e seu corpo parecia que ia se partir. Depois de alguns minutos caminhando com o corpo encurvado e a cabeça baixa, essa posição se tornava um martírio; sentia uma angústia tão insuportável que se ajoelhava para endireitar as costas e respirar (ZOLA, 2000, p. 27).

Dentro da mina, aqueles pobres coitados gritavam de terror. A água chegara à cintura; o barulho da correnteza era tão forte que os atordoava. Quando a última parte do madeiramento caiu, eles sentiram que o mundo estava se acabando. Além disso, os gritos dos cavalos fechados na cavaliça levavam os infelizes à loucura; eram gritos de morte, terríveis, inesquecíveis! (ZOLA, 2000, p. 214).

Portanto, percebe-se que o conceito de espaço que permeia o romance *Germinal* é múltiplo e polissêmico. Todavia, as estruturas que possibilitam construir esse espaço plural no qual todos os elementos interagem com propósitos mais ou menos estabelecidos, possuem um único objetivo: oferecer uma base intelectual sólida para reivindicar novas condições de trabalho. Essa reivindicação possui como principal alicerce de argumentação o espaço da mina, que é o principal condicionador do sofrimento do proletariado. Como explicitado anteriormente, o espaço em *Germinal* tenta abarcar o desfecho das novas relações de trabalho dos países ocidentais. Ou seja, ao descrever a mina e o cotidiano dos mineradores em seu interior, Zola faz uso dessa narração para conscientizar o mundo da necessidade de mudança.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BENJAMIN, W. **Obra escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- FOUCAULT, M. Space, Knowledge and Power. *In*: RABINOW, P. (ed.). **The Foucault reader**. London: Penguin Books, 1984.
- OLIVEIRA, S. P. de. SANTOS, L. A. B. **Sujeito, espaço e tempos ficcionais**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001.
- SANTOS, L. A. B. **Teorias do espaço literário**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- ZOLA, É. **Germinal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.